

AQUILOMBANDO OS VALORES CIVILIZATÓRIOS AFRO-BRASILEIROS

Débora Campos de Paula¹

Renata Giovana de Almeida Martiello²

Resumo

No presente artigo nos propomos revisitar os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros elencados por Azoilda Loretto Trindade partindo do diálogo com o pensamento de Antônio Bispo dos Santos. Através de uma leitura crítica da palavra civilizatório buscamos novas conexões dos Valores em uma perspectiva filosófica. Com base nas ideias de Nego Bispo e as reflexões incorporadas das atividades de capoeira e dança afro referenciada do Núcleo de Pesquisas em Filosofias do Corpo, os Valores ganham novos contornos e abandonam a ideia de civilizar alguém ou algum território a fim de tornarem-se compartilhantes e capazes de germinar novos modos de ser e fazer. Propomos novos sentidos para o corpo se movimentar, buscando produzir outras perspectivas de sociabilidades, ampliando as possibilidades de diálogo enquanto corpos filosóficos e pensantes em um fluxo contra colonial. Deste modo, refletimos sobre a vontade coletiva de sermos território aquilombado e com/pelo movimento fortalecermos nosso território corpo pessoal e comunitário.

Palavras chave: Germinar; Aquilombar; Filosofias do corpo; Valores afro-brasileiros; Contra colonizar.

Aquilombing afro-brazilian civilizational values

Abstract

In this article we propose to revisit the Afro-Brazilian Civilizing Values listed by Azoilda Loretto Trindade based on the dialogue with the thoughts of Antônio Bispo dos Santos. Through a critical reading of the word civilization, we seek new connections between Values in a philosophical perspective. Based on the ideas of Nego Bispo and the reflections incorporated from capoeira and Afro dance activities referenced by the Center for Research in Philosophies of the Body, the Values gain new contours and abandon the idea of civilizing someone or some territory in order to become shared and capable of germinating new ways of being and doing. We propose new directions for the body to move, seeking to produce

¹ Pós-doutora no Centro de Estudos Afrodiaspóricos (CEAF) da Universidad Icesi/ Consórcio Afro-Latin American Research Institute (ALARI), Colômbia 2024-2025. Doutora em Filosofia, PPGF/UFRJ. Mestra em Saúde Coletiva, IMS/UERJ, Licenciada em Educação Física, EEFD/UFRJ. Artista, intérprete/pesquisadora, coreógrafa e preparadora corporal. Experiência na área de dança, atuando na transdisciplinaridade: corpo, memória, arte negra e arte educação. Pesquisadora e co-fundadora do Núcleo de Pesquisa em Filosofias do Corpo (projeto de extensão), pertencente ao Laboratório de Estudos Clássicos - OUSIA, PPGF/UFRJ. Membro do Núcleo de Pesquisa em Filosofias Ancestrais - NIFAN, PPGF/UFRJ. Atua em pesquisas e performances artísticas com o Coletivo Lemagide, como preparadora corporal e diretora de movimento do Coral Canta Piá, do Coral Coloridos e do Grupo Cine em Canto, e como arte-educadora no Instituto Tear.

² Mestra em Filosofia pelo PPGF - IFCS/UFRJ, pós-graduada em História da África e do Negro no Brasil pela Universidade Cândido Mendes, bacharel em Ciências Sociais pela UFRJ e licenciada em Educação Física pela UFRJ. Pesquisadora das interfaces da capoeira com a filosofia e Mestra de capoeira formada pelo Grupo Senzala de Capoeira desde 2017. Pesquisadora e co-fundadora do Núcleo de Pesquisa em Filosofias do Corpo (projeto de extensão), pertencente ao Laboratório de Estudos Clássicos - OUSIA, PPGF/UFRJ. Servidora pública da educação municipal e estadual do Rio de Janeiro desde 2001, atuando como professora de educação física e de capoeira em escolas e clubes escolares.

other perspectives of sociability, expanding the possibilities of dialogue as philosophical and thinking bodies in a counter-colonial flow. In this way, we reflect on the collective desire to be an quilomba territory and with/through the movement to strengthen our personal and community body territory.

Key words: Germinate; Aquilomb; Philosophies of the body; Afro-Brazilian values; Counter-colonization.

Aquilombando los valores civilizacionales afrobrasileños

Resumen

Este artículo pretende revisitar los Valores Civilizatorios Afrobrasileños enumerados por Azoilda Loretto Trindade, a partir de un diálogo con el pensamiento de Antônio Bispo dos Santos. A través de una lectura crítica de la palabra civilizatoria, buscamos nuevas conexiones entre los Valores desde una perspectiva filosófica. A partir de las ideas de Nego Bispo y de las reflexiones incorporadas en las actividades de capoeira y danza afro-referenciada del Centro de Investigación en Filosofías del Cuerpo, los Valores adquieren nuevos contornos y abandonan la idea de civilizar a alguien o algún territorio para convertirse en compartidores y capaces de germinar nuevas formas de ser y hacer. Proponemos nuevas formas para que el cuerpo se mueva, buscando producir otras perspectivas de sociabilidad, ampliando las posibilidades de diálogo como cuerpos filosóficos y pensantes en un flujo contra-colonial. De esta forma, reflexionamos sobre la voluntad colectiva de ser territorio aquilomb y con/por el movimiento fortalecer nuestro territorio corporal personal y comunitario.

Palabras clave: Germinar; Aquilomb; Filosofías del cuerpo; Valores afrobrasileños; Contracolonialismo.

“O quilombo não é só o território é o território conosco, um território ancestral e que nos habita. portanto, não deixar o colonialista entrar no quilombo é não deixar o colonialista entrar em nós”³
(Flor do Nascimento, 2023)

CIVILIZAR, HUMANIZAR X REFLEXÕES GERMINANTES

Os Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros elencados por Azoilda Trindade, nos ajudam a dialogar com nossa prática reflexiva em movimento no Núcleo de Pesquisa em Filosofias do Corpo (projeto de extensão universitária). Pensamos nossos corpos enquanto espaços filosóficos, no espaço de tempo em que os movimentos nos permitam fazer conexões internas e externas, com as camadas de vida e seres que se apresentam ao

³ NASCIMENTO, Uan Flor, A terra dá, a terra quer - de Nego Bispo, comentando livros com o professor Wanderson Flor no canal Pensar Africanamente. Em: 28/06/2023 <https://www.youtube.com/live/rUDxC3Nlp2w>

descortinarmos às colonialidades que insistem em habitar os movimentos da dança e da capoeira.

Compartilhando um pouco daquilo que desenvolvemos no Núcleo, no que tange às nossas ações, nossos encontros contemplam experimentações em dança e capoeira. Recebemos semanalmente a comunidade acadêmica e externos à universidade para filosofar em movimento, são oferecidas atividades práticas imbricadas às nossas reflexões acerca das transformações que ocorrem em nossas percepções, sobre quem somos e como nos posicionamos frente aos ataques das colonialidades ao nosso ser, pensar e existir. Do ponto de vista metodológico construímos nossos caminhos de diferentes formas, sem uma proposta fechada a priori, mas em permanente elaboração coletiva.

A dança parte de experimentações que não se resumem à transmissão de uma técnica específica, por outro lado, são provocações corporais com base em diferentes vocabulários. Exploramos movimentos, dinâmicas, sonoridades e outros conhecimentos relacionados à dança afro-brasileira (Escola de Mercedes Baptista), à diferentes danças populares, pindorânicas, afro-diaspóricas e africanas. E nos colocamos abertas a ampliação dos vocabulários a partir de qualquer proposta compartilhada, sobretudo as que são trazidas pelos praticantes⁴ em intenso processo de compartilhamentos. As ações podem ser mais ou menos diretivas e buscam a ampliação das percepções sobre a atenção e consciência do corpo, sobre o ambiente, sobre a expressividade pessoal e coletiva, sobre questões rítmicas, dinâmicas e outros aspectos do movimento. Buscamos vivenciar-refletir sobre os elementos que constituem aquilo que identificamos como afro referenciados, sob o ponto de vista ético-estético e que repercutem em nossas corporalidades, tanto quanto sobre aquilo que identificamos como as expressões das colonialidades que nos habitam. Exercitamos a escuta às nossas sensações, memórias e reflexões em movimento. Experimentamos relações com outras linguagens abrindo o fluxo para a palavra, desenhos e imagens ou qualquer outra proposta que o grupo queira vivenciar, tendo o corpo em movimento como orientador.

Na capoeira, especificamente, partimos da experimentação dos diálogos dos nossos gestos, onde cada pernada, cabeçada e gingada precisa provocar movimento no outro, são questionamentos que serão respondidos com outros movimentos. Tudo isso regido pelo som ancestral de berimbaus, pandeiros e atabaques que buscam nos oferecer as conexões necessárias para dentro e para fora de cada um presente e harmonizar os encontros dos gestos. Estamos em

⁴ Participantes internos ou externos à universidade e convidados (mestres e mestras, fazedores de danças e capoeiragens).

permanente confluência entre nós e o território, por isso, outra importante ação desenvolvida pelo Núcleo de Pesquisas em Filosofias do Corpo são os intercâmbios com mestres e mestras dos saberes culturais que nos visitam e confluem conosco seus valores e interpretações filosóficas dos corpos em movimento.

Encontramos eco dos nossos fazeres dentro e fora do Núcleo de Pesquisas, nas palavras propostas por Azoilda: Axé ou energia vital, Ancestralidade, Oralidade, Circularidade, Memória, Territorialidade, Corporeidade, Musicalidade, Ludicidade e Cooperatividade, (TRINDADE, 2010) que fazem total sentido para nós, nessa busca de contra colonizar o que nos impede florescer com os gestos. Refletimos, entretanto, a partir das conversações de Nego Bispo (2023), sobre o cuidado com as armadilhas do colonizador e pedimos licença a nossa mais velha, e grande pensadora, para sairmos da arapuca que a palavra civilizatório nos coloca.

Entendemos o momento e os diálogos que estavam sendo travados quando a professora Azoilda propôs este conjunto de valores afro referenciados que, mais do que palavras, remetiam às ações necessárias de serem inculcadas junto aos projetos político pedagógicos das escolas, sobretudo na educação infantil. Reconhecemos a importância atual de seu pensamento e proposições, não só para a educação formal, como também para a reflexão sobre a formação das subjetividades, das relações sociais e institucionais. Sua relevância se reafirma na grande dificuldade de transformarmos verdadeiramente as políticas, ações e pensamentos da luta antirracista, dentro e fora das salas de aula, considerando e valorizando não só na teoria, a diversidade e a pluralidade de existências e modos de ser e viver.

Passando rapidamente pela definição da palavra “Civilizar”, o que encontramos no dicionário é: “Fazer sair do estado primitivo: civilizar um povo. Instruir, polir. Tornar civil, cortês. Passar ao estado de civilização, progredir. Tornar-se polido”⁵ (referindo-se a pessoas). Se faz evidente, o quanto a palavra está carregada de aspectos das colonialidades que nos foram impostas enquanto nação, mas como dizia Nego Bispo, devemos ter cuidado para não cair no enfeitiçamento que a linguagem colonial nos traz.

Quem detém o poder de dar nome às coisas, tem o poder de dominar as narrativas. Foi assim desde o início do sequestro de povos africanos para a viagem transatlântica, seus nomes foram alterados, sua fé e modos de fazer foram tratados como inferiores. Bispo (2023) sugeriu contra colonizar esses saberes

⁵ Em: Dicionário Online de Português. Em: <https://www.sinonimos.com.br/comunitario/>
Acesso em: 04/11/2024.

impostos e, de forma bastante inteligente, chamou essa busca por outras palavras e outras denominações, de guerra das denominações. Buscou plantar na mente das pessoas palavras germinantes, geradoras de sentidos, capazes de provocar as palavras de poder e colocá-las em xeque mate. Palavras que tenham o sentido de plantar nas mentes das pessoas novos modos de denominar as coisas, com o objetivo de aproximar as palavras aos fazeres mais simples e orgânicos, e a modos que apresentem respeito a todas as formas de vida no planeta. Assunto esse tão caro e uma das condições que serviam de guia ao trabalho que Nego Bispo vinha realizando em suas publicações e aparições: Vivas, vivas! Porque todas as vidas importam!

A palavra “civilizatório” poderia ser entendida com o sentido de socializar, ou de transmitir valores que fazem parte dos modos de vida de determinado conjunto de pessoas, constituindo-as e reafirmando-as no tecido social. Acreditamos que talvez este tenha sido o caminho pensado para a leitura política da palavra por Azoilda Trindade. Ainda assim, a arapuca está armada! Civilizar pressupõe que um coletivo não está civilizado, que seus valores e modos de viver não são aceitáveis enquanto relações sociais, a palavra civilizar traz em sua epistemologia modos de impor uma cultura sobre a outra. Portanto, reivindicar a possibilidade de civilizar, nos parece sentar à mesa e compartilhar do mesmo alimento daqueles que pensam terem nos furtado o status de humanos.

Também nos faz refletir sobre qual humanidade desejamos compor. Ao afirmarmos nossa humanidade, com base na ideia hierarquizada de superioridade sobre outras espécies e formas de existência, auto conclamando nosso direito ao usufruto sobre o que costumamos denominar recursos naturais ou formas de vidas inferiores, caminhamos sobre as pegadas dos colonizadores.

A humanidade que elege quem ou o que é descartável ou passível de desaparecer, é a mesma que definiu que seres da mesma espécie não eram humanos o suficiente. Esta marca histórica reverbera até nossos dias nas desumanidades que assolam as relações sociais em todo o planeta. É a mesma que, em nome do desenvolvimento, progresso e projeto de civilização, desconsidera e inviabiliza inúmeras formas de viver.

Cabe a reflexão: O que é desenvolvimento? A quem ele serve? Quem usufrui dos bens produzidos pelo desenvolvimento? Quem precisa de desenvolvimento? Se evoluímos, a quem consideramos menos ou não evoluídos?

Ao retomarmos as palavras evoluídas e desenvolvidas, percebemos que “Civilizar” combina muito com elas, o que nos leva a pensar: que outra proposta de relação podemos estabelecer para o encontro de culturas, de pessoas, de

naturezas, que não estejam dentro desta lógica que já carrega tantos significados e é fortemente marcada pela ideia de subjugar, fazer desaparecer, consumir?

Assim trocamos os sinônimos da palavra civilizar: policiar, educar, instruir, desbravar, domesticar, ilustrar, arrotear, urbanizar, pelos sinônimos da palavra germinar: brotar, rebentar, desabrochar, chocar, incubar, nascer. Afirmamos desse modo, a importância do caminho das coisas, pois não basta sabermos os valores que estamos cultivando, mas igualmente, como os estamos cultivando. Dessa forma coadunamos com a guerra das denominações do mestre Nego Bispo (2023), quem nomina tem o poder de pautar a vida.

Trazendo uma resposta ao nosso próprio questionamento, seguimos em diálogo com Bispo. Sua proposta para uma convivência harmoniosa entre povos e na interação destes com os elementos presentes no território, se pauta na biointeração, a qual pressupõe uma coexistência respeitosa e que fortaleça os saberes e as relações orgânicas. Extrair o que se necessita, deixar guardado no próprio ambiente aquilo que será utilizado no futuro, compartilhar o excedente e reintegrar o que não é mais necessário.

Estamos, portanto, partindo de outro paradigma, mas reconhecemos o quão difícil é cultivarmos este modo de ser/viver imersos no modelo civilizatório e desenvolvimentista.

Buscamos então outra palavra-semente para nos auxiliar. Nos acercamos da palavra envolvimento como substituta argumentativa à palavra desenvolvimento e propomos, que os valores trazidos por Azoilda possam ser lidos, com a ajuda de Bispo (2023), como palavras germinantes, como ações encantadas pelo envolvimento e plantadas nos nossos fazeres na diáspora. Estas palavras/ações não estariam a serviço de civilizar, desenvolver ou fazer evoluir, mas estariam no jogo, sempre em movimento de alimentar, nutrir e semear as mentes/corpos. Nos fluxos de axé que transitam entre ações germinantes.

O envolvimento se encaixa com as nossas ações germinantes, pois compreendemos que tanto na capoeira, quanto na dança, não há espectadores e que na dinâmica do encontro, todas as pessoas fazem parte do bioma que cuidamos e nutrimos em conjunto.

A partir dos diálogos com Azoilda e Bispo, travados até o momento, observamos a estreita relação que há entre os caminhos propostos no Núcleo de Pesquisa em Filosofias do Corpo e os valores elencados por Azoilda na perspectiva de serem germinantes.

VALORES GERMINANTES AFROPINDORÂMICOS

Os valores registram potentes similaridades nos modos de ser, pensar e agir dos povos africanos que aqui chegaram, que rememoraram e produziram saberes, que hoje identificamos como afro referenciados a partir da leitura de expressões corporais, musicais, de sociabilidade, técnicas, linguagem, de religiosidade e cosmopercepção.

Além destes valores cultivados nas práticas festivas, religiosas e de sociabilidade, consideramos que a dimensão do afeto seja importante valor que se relaciona intimamente com o envolvimento. Afeto no sentido de permitir-se afetar e ser afetado e no sentido de germinar afeição com aqueles que compartilhamos os moveres encarnados.

AFETIVIDADE

Na afetividade podemos nos conectar com o outro e pensar nessa relação de afetar e ser afetado pela existência em comunidade. Em nossa prática no Núcleo buscamos o fortalecimento do entendimento de que nossas reflexões incorporadas se dão no encontro, ou, como propõe Bispo, na confluência entre realidades, modos de mover e pensar. Vamos assim, encontrando o nosso chão em comum. Estabelecemos, deste modo, o nosso território, o nosso aquilombamento, pautado na integração e respeito às múltiplas formas de ser, através do estabelecimento de um ambiente seguro para o mover sem julgamentos, pela conexão com o movimento próprio, informado pelas memórias, pertencimentos e ancestralidades. Ao mesmo tempo reconhecemos nos outros, no espaço, e na música, a possibilidade de diálogo e de perceber um sentido coletivo nos caminhos que traçamos de forma pessoal.

O desejo é que a terra plantada, convertida em território aquilombado, não se restrinja ao espaço físico de nossa prática, mas possa fazer morada no território corpo de cada pessoa que chegar. Como afirma Wanderson Flor do Nascimento, a partir da obra de Nego Bispo:

O quilombo não é só o território é o território conosco, um território ancestral e que nos habita, portanto, não deixar o colonialista entrar no quilombo é não deixar o colonialista entrar em nós (NASCIMENTO, 2023)⁶

⁶ NASCIMENTO, Uan Flor, A terra dá, a terra quer - de Nego Bispo, comentando livros com o professor Wanderson Flor no canal Pensar Africanamente. Em: 28/06/2023 <https://www.youtube.com/live/rUDxC3Nlp2w>

O movimento que surge durante o jogo da capoeira é como uma possessão, um estado de consciência relativa e ao mesmo tempo uma forte presença ancestral. Neste mesmo sentido, a proposta de dança afro referenciada busca ativar lugares do corpo e formas de mover que provoquem, desestabilizem, criem ruídos nos nossos modos colonizados de lidar com nossa corporalidade e com próprio entendimento do que é capoeirar e dançar.

CORPOREIDADE

Pensando a partir desta perspectiva, percebemos que as rodas de capoeira e dança realizadas no Núcleo de Pesquisas em Filosofias do Corpo, pertencem a ordem de corporalidades visíveis e de presenças invisíveis que atravessam nossas emoções e corpos, frutificando em nossas corporeidades. Para utilizar um dos conceitos mais germinantes de Nego Bispo (2015; 2023), nossa corporeidade é a confluência de corpos que se entendem diversos, mas com a possibilidade de terem propósitos em comum.

No espaço da roda onde os corpos dialogam entre si e com toda a ancestralidade presente, percebemos o afeto que se realiza. Todos os valores, para germinar e frutificar, precisam nos afetar, serem significativos e nos provocar movimento. O corpo na capoeira é a expressão da pluriversalidade (RAMOSE, 2011) e do afro-perspectivismo (NOGUERA, 2011). Entender o corpo pela ótica afro-perspectivista é dialogar com os

...personagens conceituais melanodérmicos ... como por exemplo: o griot, a mãe de santo, o pai de santo, o(a) angoleiro(a), a (o) feiticeira (o), a(o) bamba, o(a) jongueiro(a), o zé malandro, o vagabundo, orixás (Exu, Ogum, Oxóssi, Oxum, Iemanjá, Oxalá etc.) inquices (Ingira, Inkosi, Mutacalambô, Gongobira etc.), voduns (Dambirá, Sapatá, Heviossô etc). (NOGUERA, 2011, p.4)

Utilizamos outras espacialidades para explorarmos o nosso mover, mas a roda está sempre presente, ela é fundante quando se trata da experiência com a capoeira, e em quase todos os encontros é o ponto de partida da dança.

A roda nos permite ter a percepção da igualdade das presenças e dos corpos, todos são vistos e se fazem presentes. Em roda cada um pode estar desempenhando papéis diferentes, que podem ser trocados a qualquer tempo. Podemos observar os gestos, as expressões, as dificuldades, e transformar as propostas de acordo com o que o grupo e cada um apresenta. Percebemos a força de atração do centro

da roda, gerada pelo compartilhamento de energias e vivenciamos a possibilidade de compor uma espacialidade que tem como fronteira os nossos corpos em conjunto.

CIRCULARIDADE

Na dança a circularidade é um elemento essencial ao refletirmos corporalmente sobre os fluxos de movimento dos nossos corpos, seja através das possibilidades motoras, nos giros, rebolados, voltas de cabeças, seja através da percepção e sensibilização sobre os caminhos arredondados ou em correntezas presentes nos corpos. Somos fluxo contínuo de líquidos, movimentos e energias, que podem transbordar para outros corpos e ambientes.

A roda de capoeira é um mundo em si, com seus códigos e elementos constitutivos, os corpos que jogam, cantam, tocam e batem palmas, as sonoridades dos berimbaus e dos outros instrumentos, as palavras tiradas nas cantigas, tudo criando um espaço tempo circular.

Na circularidade da roda de capoeira aprendemos a espiralar a vida (MARTINS, 2021) e compreender a imprevisibilidade e a necessidade de estarmos inteiras no jogo, atentas e abertas aos movimentos que chegam do outro corpo, aquilo que nos convoca através dos sons e a energia da roda. A circularidade do axé faz com que o jogo, o ritmo, a bateria da capoeira, a musicalidade, se retroalimentem de tal forma, que o descompasso de um pode causar interferência no outro. Um jogo de capoeira fluindo pode sofrer interferência com uma troca de tocador no berimbau, por exemplo. A circularidade está na ordem da restituição das trocas de axé.

Entendemos que a circularidade se expressa de muitas formas e é como uma trama, onde confluem movimentos, memórias, reflexões, espacialidades e sonoridades para compor nosso bioma.

MUSICALIDADE

Não podemos pensar a capoeira separada da musicalidade, que, por sua vez, é uma rica forma de expressão das tradições africanas, que mais uma vez se dá através dos corpos.

A musicalidade está presente na diáspora africana e pode ser observada pela riqueza de expressões e modos de moveres de matrizes africanas das quais somos herdeiros, podemos constatar essa afirmação para além da capoeira, nas expressões culturais do jongo, samba chula, coco de roda, tambor de crioula entre tantas outras. Não existe aprendizado na capoeira sem a musicalidade, assim, é preciso ressignificar os sons nas nossas vidas para nossa constituição como sujeitos e para reconstituição de nossas subjetividades.

O corpo que dança e vibra nas atividades do Núcleo de Pesquisas, reage aos sons, é um corpo ancestral e vivo, interage com novas possibilidades sonoras, polirritmias, com a percepção da vibração e provocações sensíveis que o som é capaz de proporcionar.

A importância de nos relacionarmos com nossos corpos a partir do entendimento de que estamos interagindo, cuidando e nutrindo corpos ancestrais vivos, é fundamental para uma perspectiva ética nos compartilhamentos que propomos.

ANCESTRALIDADE

A ancestralidade é um dos valores mais importantes que nos liga a tudo que tem axé, a todo o meio ambiente, aos animais e as plantas. É o que nos conecta com os nossos mais velhos, que já se foram da possibilidade física e que existem em nossas vidas pela presença deles em nós, de que forma, através da memória que é uma das expressões da nossa ancestralidade (OLIVEIRA, 2021). Todas nossas ancestrais nos habitam. Nogueira e Barreto falam de uma cosmogonia ecobiótica como uma “filosofia em que a cosmologia, ecologia e a análise do lugar dos seres vivos mantêm-se num mesmo plano. O cosmos, o meio ambiente e os seres vivos são interdependentes” (NOGUEIRA; BARRETO, 2018, p.9). Na capoeira temos a memória dos nossos mestres e mestras antigos como referência e também como detentores dos saberes orais da capoeira. Ouvi-los contarem as histórias de suas existências na capoeira e fora dela, é fundamental para a existência da própria capoeira ao longo das gerações. Aqui vemos uma conexão da oralidade com a ancestralidade, e é onde reside a importância da ancestralidade enquanto partícipe no futuro. Cuidar da ancestralidade é ampliar as perspectivas de futuro, é um compromisso ético com o futuro.

ORALIDADE

Na capoeira, em todos os tempos de sua existência, temos os ensinamentos sendo passados por gerações, através das longas horas de conversa entre os aprendizes e os mestres mais antigos. Saber ouvir nesses momentos, faz parte do respeito à nossa ancestralidade. Nossos saberes vêm de longe, nossa oralidade se realiza no corpo, faz parte de saber falar e de saber ouvir com os movimentos. Por meio da oralidade, transmitimos saberes e também praticamos a afetividade. As perguntas e respostas que os golpes da capoeira representam, são palavras em movimentos de pernas e pés, nossa oralidade é o movimento.

Contamos nossas histórias, todas as histórias que nos habitam e conversamos sobre o que brota durante nossos encontros. A palavra e o movimento fazem parte de um mesmo corpo, não se apartam e nem estão regidas por hierarquias. Muitas vezes, retomamos a roda para nos olharmos e falarmos, levantarmos questões, às vezes, apenas para ficarmos em silêncio, que também é uma forma de se comunicar pela oralidade. A palavra está presente junto com tudo o que a constitui: o hálito, o sentido, a inflexão da voz, a pausa, o sentimento, a expressão, tudo para comunicar, contar e expressar junto com o mover.

LUDICIDADE

A ludicidade dos jogos da capoeira está no sentido que cada capoeirista dá para seu movimento, brincando com o próprio corpo e com o corpo do outro, o que leva os corpos a um estado de expressão da cultura, ao resgate de sua criança interior, das brincadeiras da infância, de vadiação, que é um conceito que o capoeira entende muito bem, “para dar passagem a um vadio há que se pisar miudinho, escarafunchar as brechas e lembrar que do pequeno se faz um grande, mas do grande não se faz um pequeno” (SIMAS, RUFINO, HADDOCK-LOBO, 2020, p.78). A ludicidade está na expressão do jogo de corpo, que malemolente se diverte por não atingir o outro, mas sim por mostrar o que poderia ter feito, “na roda, gingando em frente ao parceiro, ele costuma dá um corrupio (dar a volta ao mundo sobre si mesmo) ... novo corrupio. Ele para, levanta os olhos. O público aplaude. Canjiquinha é o rei. Canjiquinha fica menino feliz.” (MOREIRA, 1989, p.5) O enfrentamento dos corpos na roda de capoeira, o jogo, o saber jogar, traz em si a ludicidade como meio de ser e de estar na capoeira. Essa jocosidade permanece após a roda, como se fizesse parte dos modos de ser e de estar no mundo dos praticantes da capoeira, como se constituíssem a própria identidade dos capoeiristas.

A ludicidade, na prática corporal que propomos no Núcleo, nos convoca a experimentação do corpo-brinquedo. Este é mais um termo germinante que estamos descobrindo no fazer e se refere a nossa capacidade de acionar memórias e estados físicos, emocionais e ancestrais que nos permitem saborear os movimentos com o frescor da descoberta, alimentados pelo prazer, pela alegria da brincadeira. O corpo é o espaço e tempo de reencontros com estados de infância e com o desprendimento de movimentos dançados que necessitam de excelência e rigor. Dançar é brincar com o corpo e fazer dele brinquedo para descobrir, inventar e divertir.

Este é um ponto importante de nossas reflexões, pois a força política, a capacidade transgressora da alegria e do prazer, ainda é negligenciada e, quando nos referimos às vivências socioculturais afro referenciadas, encontramos muitas manifestações que não têm a devida importância no que tange a sua capacidade de colaborar para a reexistência, para os processos de cuidado e cura de realidades adoecedoras, as quais boa parte da população é submetida. Desta forma, investimos nosso fazer no espírito da brincadeira, do jogo presente nas rodas de samba, de capoeira, entre parceiros, dos muitos folguedos e festas espalhadas por todos os cantos do Brasil.

Compreendemos que a ativação do corpo brinquedo tem uma forte relação com um ambiente concebido para se desfrutar da companhia de si mesmo e do outro. Não dizemos com isso que estamos em um espaço de harmonia inerte, a brincadeira também desperta desconfortos, agressividade, memórias não tão agradáveis, mas tudo isso é o que somos e é também na brincadeira, ou no retorno para a circularidade da roda, que dialogamos sobre o que o nosso corpo brinquedo nos revela e faz refletir.

Para brincarmos é preciso que alguns pactos sejam feitos, a brincadeira em conjunto pressupõe que os participantes entendam minimamente as regras do jogo e que aceitem brincar “a vera” ou “a brinca”, conforme a ocasião. Deste modo, é preciso um ambiente de cooperação, o que nos leva a mais um dos valores elencados por Azoilda.

COOPERATIVIDADE

Quando buscamos no dicionário a palavra cooperatividade encontramos: “propriedade do que é cooperativo, do que coopera, auxiliando ou ajudando na realização de alguma

coisa”⁷. Logo nos vem uma questão: além da composição de um ambiente de parceria para a brincadeira e usufruto do mover, com o que mais cooperamos? Ou, como estes sentidos relacionados a um valor afrobrasileiro, de acordo com Azoilda, se inserem na nossa prática? Refletindo sobre o caminho percorrido até o momento nos nossos encontros do Núcleo, podemos dizer que nos auxiliamos e cooperamos uns com os outros para encontrarmos outras possibilidades de nos dizermos, nos movermos, nos pensarmos, cooperamos, para rememorar e construir estradas e escapes para as formas esvaziadas e aniquiladoras de existências. A cooperatividade, neste sentido, é enxergar no outro não somente um aliado, alguém com quem nos juntamos para atravessar uma ponte ou vencer uma guerra, mas de outra forma, um confluente, alguém que preservando suas próprias águas se permite o encontro.

A confluência é esse grande encontro cosmológico de maneiras de pensar, de sentir é o encontro dos sentidos, dos sentimentos é o encontro das vidas, e ela não acontece por acaso, ela não é coincidência, é diferente de coincidência, a coincidência é uma coisa que não se explica, mas, a confluência se explica. A confluência é um encontro de seres, de vidas que se compartilham. Isso só acontece em cosmologias politeístas, as pessoas se compreendem como parentes, como amigos, como seres próximos (BISPO, 2021)⁸

Para que nossa existência seja plena de saúde e axé, nossos órgãos, nossa fisicalidade, nossas emoções, nossa relação com as forças invisíveis, precisamos estar em processo de cooperação permanente e cooperando em favor da vida. Entretanto, a lógica na qual estamos imersas desarticula essa cooperação, seja por nossas escolhas, ou por um imperativo social que nos lança a viver apartados da natureza, dos nossos desejos, do nosso próprio corpo.

Existe um aspecto da cooperação que está no âmbito das invisibilidades que nos compõem, aspecto este, que nos diz que estamos em cooperação com nossos ancestrais. Ancestralizar é ser lembrado! (SANTOS, 2019) Seja por ações ou por modos de viver, é a comunidade dos vivos que coopera para a ancestralização de quem já não mais se encontra na

7

Em:

<https://www.dicio.com.br/cooperatividade/#:~:text=Sin%C3%B4nimos%20de%20Cooperatividade%20Cooperatividade%20%C3%A9.sin%C3%B4nimo%20de%3A%20solidariedade%2C%20reciprocidade%2C%20coopera%C3%A7%C3%A3o> Acesso em: 15/11/2024

⁸ SANTOS, Antonio Bispo dos, **Nêgo Bispo: vida, memória e aprendizado quilombola**. Entrevista concedida ao canal Itaú Cultural em 15/03/2021.

condição visível. Em contrapartida, nossos ancestrais, ao serem lembrados, ligando a memória a todo esse processo ancestral, nos habitam, nos orientam os caminhos, participam dos nossos propósitos e compartilham deles.

Além desses aspectos a cooperatividade se faz presente na circularidade da restituição de axé que representa a vida. Tudo na vida é troca confluyente, doamos e recebemos a todo tempo, a vida é cooperativa na sua essência, e isso é um dos maiores e melhores momentos das atividades realizadas no Filosofias do Corpo. Compreendemos que cada um presente, os elementos básicos da natureza (que estão em cada um de nós), nossas ancestralidades e memórias, todos em cooperação confluyente circular de axé, culminam em movimentos filosóficos dos corpos em expressão cinestésica, nesse mundo e em camadas de outros mundos que nos habitam. O Núcleo de Pesquisas propõe a possibilidade de viver em harmonia entre mundos internos e externos a partir desses Valores.

AXÉ OU ENERGIA VITAL

De todos os valores elencados por Azoilda, o axé ou energia vital nos parece uma espécie de fio que perpassa os demais, costurando nossos encontros. Não dizemos com isso que os valores afro brasileiros estejam de algum modo dispersos, muito pelo contrário, sempre que nos referimos a um, imediatamente outro se avizinha, para nos lembrar de que nosso esforço em os apresentar separados, é tão somente para ajudar aqueles não tão familiarizados com as experimentações corporais afro referenciadas, ou aqueles que as experimentam a partir de outras cosmo percepções.

É com o corpo e no corpo que o axé circula em permanente movimento. A corporalidade é um aspecto fundante para a circulação da energia vital que está em todas as coisas e se nutre e se transmite pela oralidade e musicalidade, se fortalece na cooperatividade e ludicidade. O axé é também a força ancestral em nós e nosso compromisso ético de honrar esta força, irradiando-a para as gerações filhas e netas, cuidando do nosso território e plantando a territorialidade em nós. Deste modo, nos fazemos memória viva e revivemos as memórias de nossa coletividade afro pindorâmica.

COLHENDO BROTOS E FRUTOS

Em nossas provocações moventes consideramos a importância de percebermos os valores que nos organizam em

nossa coletividade e nos ajudam a pensar desde o movimento, sobre como potencializá-los e descobrir outros valores que possam investir-nos de uma ação contra colonial, não apenas no discurso, mas, na vida dentro e fora de nossas práticas em comum.

Portanto, para compreensão do aquilombamento que o Núcleo de Pesquisas em Filosofias do Corpo promove, determinamos que nossas atividades, coadunando com valores germinantes, representam possibilidades outras de relações sociais entre as pessoas e todo o ambiente que nos cerca. São possibilidades relacionais que projetam para o futuro movimentos de florescimento de subjetividades. Esperamos prosseguir plantando sementes de novas relações entre seres e o mundo visível e invisível, refletindo valores germinantes para dentro de cada um de nós e para nossas comunidades, a fim de nos aproximarmos de outros modos de viver.

Um dia por semana, é o tempo que temos para plantar sementes nas pessoas, que chegam para trocar experiências conosco através das propostas da capoeira e da dança afro referenciada. É no curto espaço de duas horas que alteramos o compasso do tempo, dobramos a roda que gira as horas e ampliamos as percepções que temos das relações com o natural. Emprenhamos nossos corpos de fogo, terra, água e ar, criando um solo fértil para os valores da professora Azoilda germinem ao longo da semana. Na semana seguinte, lá estamos nós de novo, para vermos como vão nossos brotos e mexer a terra de corpos e espíritos, e (re)plantar, e adubar, até que sejamos nós mesmos os valores que plantamos.

REFERÊNCIAS

ABIMBOLA, Wande. *A concepção iorubá da personalidade humana*. Trabalho apresentado no Colóquio Internacional para A Noção de Pessoa na África Negra Paris, 1971 Publicado pelo Centre National de la Recherche Scientifique Edição Nº 544 Paris, 1981 Tradução, notas e comentários: Luiz L. Marins

DECANIO FILHO, Angelo Augusto. *Transe Capoeirano*. Salvador: 2002. (Coleção Salomão, n. 05).

Dicionário online Português. Em: [Dicionário Online de Português](https://www.sinonimos.com.br/comunitario/). Em: <https://www.sinonimos.com.br/comunitario/> Acesso em: 04/11/2024.

Dicionário online Português. Em: <https://www.dicio.com.br/cooperatividade/#:~:text=Sin%C3%B4nimos%20de%20Cooperatividade%20Cooperatividade%20%C3%A9,sin%C3%B4nimo%20de%3A%20solidariedade%2C%20reciprocidade%2C%20coopera%C3%A7%C3%A3o> Acesso em: 15/11/2024

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-teia*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

AQUILOMBANDO OS VALORES CIVILIZATÓRIOS AFRO-BRASILEIROS

MALOMALO, Bas`ilele. **Filosofia do NTU: direitos e deveres no despertar da consciência biocósmica**. São Paulo: Editora Polo, 2022.

MOREIRA, Antonio. **Canjiquinha, Alegria da Capoeira**. Bahia: Editora A Rasteira: Fundação Cultural da Bahia, 1989.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. **A terra dá, a terra quer - de Nêgo Bispo, comentando livros com o professor, transmitido ao vivo em 28 de jun. de 2023**, Canal: **Pensar Africonamente**. Em: <https://www.youtube.com/live/rUDxC3Nlp2w> Acessado em: 17/11/2024

NOGUERA, Renato; BARRETO, Marcos. **infancionalização, ubuntu e teko porã: elementos gerais para educação e ética afroperspectivistas**. Childhood & Philosophy, 2018 - dialnet.unirioja.es, 2018.

NOGUERA, Renato. **Denegrindo a filosofia: o pensamento como coreografia de conceitos afroperspectivistas**. Griot: Revista de Filosofia, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 1-19, 2011. DOI: 10.31977/griofi.v4i2.500. Disponível em: <http://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/500> Acesso em: 10/10/24.

OLIVEIRA, Eduardo. **Filosofia da Ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira**. Coleção X (Org: Rafael Haddock-Lobo) – 1ª edição, Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2021.

RAMOSE, Mongobe Bernardo. **Sobre a legitimidade e o estatuto da filosofia africana**. Ensaios Filosóficos, Volume IV, outubro de 2011. Em: http://www.ensaiofilosoficos.com.br/Artigos/Artigo4/RAMOSE_MB.pdf Acesso em: 10/10/24.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos: modos e significados**. Brasília/ DF: INCTI/UNB, 2015.

_____. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Nego Bispo, vida, memória e aprendizado quilombola**. Entrevista concedida ao canal Itaú cultural em 15/03/2021. Em: <https://www.bing.com/videos/riverview/relatedvideo?q=confluir%20segundo%20Nego%20Bispo&mid=ABDF83FCF2A87514708FABDF83FCF2A87514708F&qxhist=0> Acesso em: 15/11/2024.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz; HADDOCK-LOBO, Raphael. **Arruaças: uma filosofia popular brasileira**. 1ªed. – Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. (org.). **Africanidades brasileiras e educação: salto para o futuro**. Rio de Janeiro: TV escola /MEC, 2013. https://cdnbi.tvescola.org.br/contents/document/publicationsSeries/182537/Doc_africanidades.pdf Acesso em: 10/10/24.